- Solicite que a criança desenhe com cores diferentes, enquanto prestam atenção aos sons;
- Confecção de instrumentos musicais que produzam sons. Oferecer papeis, papelão, tampinhas, grãos, pedaços de madeira, etc.
- Descobri o animal escutando o seu som de olhos vendados.
- Imitar sons de objetos, instrumentos, máquinas, meios de transporte;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, muitas informações foram expostas, objetivado a importância da música para o desenvolvimento emocional, motor, social e cognitivo da criança. Constata-se que a música contribui para o processo de ensino aprendizagem em várias áreas conhecimento, portanto deve estar inserida em planejamentos em todas as disciplinas escolares. A música é facilitadora dos vínculos e da leveza do ambiente, já que trabalha a espontaneidade, facilitando a comunicação entre os integrantes de um determinado grupo. Além destes aspectos pode-se constatar que torna qualquer situação ou assunto prazeroso.
Portanto, deve existir uma capacitação continuada para que o professor se aproprie deste recurso magnífico para o seu dia a dia e seu planejamento. As mudanças às aulas devem ocorrer, saindo da linha conservadora partindo para um direcionamento mais interdisciplinar, dinâmico oportunizando a expressão, a criação, a socialização, estimulado a liberdade de comunicação e expressão, muito mais agora numa era globalizada, repleta de estímulos. A escola deve acompanhar, proporcionando um ambiente estimulador e agradável.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. Pequena Historia Da Música. Martins Editora, 1980.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: Bases Psicológicas e Ação Preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

ELMERICH, Luís. História da Música. São Paulo: Editora Fermata do Brasil, 1979.

GARDNER, H. Estruturas da mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. Educação Musical Para a Pré - Escola. Ed. Ática,1990.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves, Brincando de Música. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

A IMPORTÂNCIA DA PRATICA EDUCATIVA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LENIR DOS SANTOS MESQUITA

RESUMO:

O presente artigo tem por finalidade enfatizar e demonstrar como a pratica da contação de histórias contribuem significativamente no o processo de ensino- aprendizagem na Educação Infantil.
As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Portanto, se faz necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.
Com a intencionalidade de valorizar e ampliar o espaço da contação de história nas escolas e no trabalho efetivo dos professores, versará sobre reflexões teóricas que servirão como base para a prática exercida pelo educador na educação infantil.
Auxiliando no processo de ensino e aprendizagem da criança. Para isso faz- se necessário o conhecimento, os recursos utilizados e as técnicas orais e corporais, para um bom professor/contador de historias, bem como a escolha da narrativa mais adequada a faixa etária e a situação.

Palavras Chave: Formação, Contação de História, Professores, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Sabemos que nem sempre “contar histórias infantis” nos Cei`s e EMEI e Escolas de Ensino Fundamental é uma prática estimulada e valorizada, de modo que os alunos ouçam histórias, ou seja, o próprio professor pode não valorizar histórias infantis e isso, então, irá levá-los a crescer com essa desvalorização dos contos.
O objetivo geral da pesquisa é ampliar o espaço da contação de história nas escolas, no trabalho efetivo dos professores, pois ela ajuda muito no aprendizado da criança, que precisa de imaginação para constituir-se com liberdade. Os objetivos específicos foram: pesquisar várias formas para contar histórias, buscando despertar nos alunos o prazer pela leitura, proporcionar meios di-

vertidos e atraentes para contá-las através de fantoches, dramatizações e cenários coloridos proporcionando momentos de descontração que, na verdade, estabelecem a ligação entre aquilo que é real e o imaginário, tão presente no cotidiano das mesmas.
Concluímos que a contação de história é uma forma criativa para qualquer criança aprender por meio de uma atividade prazerosa, em que poderá expressar sua percepção de mundo.
Assim a contação de história são considerados um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança.
Em seguida, o artigo analisa que o ato de contar histórias requer cuidados específicos e por fim discorre de forma sucinta sobre a contribuição da contação de história no desenvolvimento psicoafetivo da criança.

DESENVOLVIMENTO

Levar o faz de conta até as crianças é sustentar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, é encontrar idéias para solucionar questões, é uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos através dos problemas que de acordo com as possibilidades vão sendo enfrentados e resolvidos pelos personagens de cada história.
É ouvindo histórias que se pode sentir importantes emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, a insegurança, vivendo profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas pode despertar nos pequenos ouvintes, além de ser um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e para sua complementação.
A criança deve ser estimulada desde pequena pelo gosto da leitura, pois até os sete anos de idade que forma este gosto pela leitura. Não importa que a criança não saiba ainda fazer a leitura de um livro, pois o professor deve ler e, assim, dar esta referência de leitura para ela. A literatura infantil pode ser usada como recurso lúdico desenvolvendo na criança um comportamento prazeroso.
É preciso tornar as crianças familiarizadas com os livros, orientando-as quanto ao manuseio e à sua conservação, já que com as histórias elas aprendem brincando a respeitar regras, a se divertir, seja através da imitação, socialização, interação ou dificuldade a ser superada.
Machado (2002) afirma que não explorar a literatura desde cedo com as crianças é uma tolice, pois permite que a criança adquira o gosto pela leitura podendo viajar de diversas maneiras para infinitos lugares, dando margem a imaginação das crianças. Portanto, para que as crianças em iniciação hoje e para que os adultos de amanhã tenham gosto pela leitura, é preciso iniciar desde cedo a leitura, tanto em casa, com as famílias quanto na Educação Infantil.
Enfatizamos que a fantasia, a imaginação têm importância fundamental no desenvolvimento da criança e que compreender a infância, é defender que cada criança é única e que possui formas de pensar e agir diferentes dos adultos. Ouvir e contar histórias é uma atividade que, dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudá-la a se organizar e socializar, além de auxiliá-la no processo de alfabetização.
A contação de histórias é considerada, atualmente, uma estratégia adequada para iniciar as crianças no gosto pela leitura, sendo uma atividade generalizada nos espaços educativos.
Machado (2002) vê a leitura também como uma brincadeira infantil, afinal, segundo ela, quando as crianças passam pelas viagens fictícias, elas brincam de "faz-de-conta". Por sua vez, Amarilha (2004) discute a importância da literatura na formação cognitiva, linguística, comunicativa e psicológica da criança. Argumenta a necessidade de implementar práticas pedagógicas prazerosas e regulares, como contar e ler textos dos contos de fadas, para assegurar uma relação escolar bem sucedida, visto que a leitura é ferramenta instrumental na cultura brasileira.

AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias é uma atividade lúdica que desperta a curiosidade e o interesse da criança pelo livro. Por meio dos contos a criança viaja pela imaginação para mundos encantados, para culturas diversas e vive muitas experiências.
Este artigo tem como proposta central enfatizar o ato de contar histórias como importante para o processo de formação de futuros leitores. As pesquisas bibliográficas realizadas para a elaboração desse trabalho analisou diversos autores que analisam a contação de histórias como um dos recursos imprescindíveis para o desenvolvimento integral da criança e os inúmeros benefícios da leitura para o desenvolvimento pleno da criança.
Como cita Villardi: "Há de se desenvolver o gosto pela leitura, afim de que possamos formar um leitor para toda vida. Ouvir histórias desperta na criança esse gosto e paixão pela leitura." (VILLARDI, 1999, p.11).
As crianças têm uma maneira própria de ver o mundo, misturando fantasia e realidade. Para a criança pequena, a narrativa oferece inúmeras oportunidades de interação com o seu mundo imaginário, explica Britto (2002, p. 18) "ao ouvir a história, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes voam e galinhas põem ovos de ouro. Essa é a magia da fantasia". Assim, utilizar a linguagem literária de contos constitui-se em uma essencial prática pedagógica.
Sobre a magia da leitura, Eugenio Cunha (2013,

p.41) diz: “Enquanto o leitor explora o mundo da linguagem pela descoberta das palavras, o não leitor o explora pela descoberta das imagens”.
Complementando essa idéia, Abramovich ressalta as qualidades dos livros infantis: Esses livros ilustrados (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar [...] de um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador / leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo. E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando esse instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais (ABRAMOVICH, 1989, p. 146).
No quadro que muitas crianças vivenciam na sociedade contemporânea, percebe-se que há pouco incentivo na promoção do uso da criatividade, pouco se cria, tudo já está pronto, há uma imensa distância entre a criança e as experiências da vida. A alta tecnologia, imagens e sons de última geração circulam em grande velocidade. Pais ausentes e sem muita disposição com os filhos tentam sanar sua culpa presenteando seus fi lhos com videogames, tabletes, computadores, celulares, entre outros equipamentos, algumas dessas mídias muitas vezes distanciam pais e filhos e pouco colaboram com o uso da imaginação. É neste contexto que a escola passa a ser vista como ambiente propício para suprir a defasagem de criatividade, ludicidade, fantasia e imaginação dessas crianças.
Considerando essas questões, pode-se pensar na relevância das histórias para o processo de aprendizagem, uma vez que, ao ouvir a história, a criança a interpreta e assimila confrontando com as situações encontradas em seu cotidiano. A contação de histórias favorece a contextualização do conteúdo escolar de uma forma prazerosa e dinâmica. Dessa forma, torna-se uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem.
Como diz Abramovich: Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]. Escutálas é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).
De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v.3, p. 143), “a leitura de histórias é um instrumento para que a criança possa conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu.”
Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2013), o ato de ouvir histórias é valioso para o desenvolvimento pessoal, auxilia na compreensão do mundo e a de si mesmo, expande referências e a capacidade de comunicação, estimula a criatividade e faz a imaginação fluir, emociona e causa impacto.
Ainda refletindo sobre a importância da literatura infantil e sua introdução, desde cedo, na vida da criança, Lippi e Fink (2012) sinalizam que: A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira.
Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento
biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais.
A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando (OLIVEIRA, 1996 apud LIPPI e FINK, 2012).
Uma história bem contada é um importante estímulo para o desenvolvimento pleno das crianças, pois atua no campo cognitivo, social e emocional. Percebe-se que, quando dispõem de acesso à leitura, desenvolvem um vocabulário mais rico, são mais curiosas e criativas e articulam melhor as ideias. A literatura infantil é uma fonte educativa e diversificada, por meio dela o aluno entra em contato com muitas experiências, com a beleza das palavras, sua sonoridade, o que trará benefícios em sua futura fase de alfabetização.
Além de estimular a imaginação, abre novos horizontes, transmite valores multiculturais, permite que as crianças conheçam sobre o presente e também experiências e fatos do passado. Partindo desses pressupostos, percebesse o quão necessário se faz o ato de escutar histórias, e o quanto que isso contribui para que a criança seja um bom leitor e ouvinte, e é por meio dessa prática que a leitura vai se apresentando para a criança, proporcionando um caminho amplo de descobertas e de compreensão do mundo, abrindo espaço para que as crianças deixem fluir o imaginário e a curiosidade.
É interessante salientar a idéia de Freire (1988, p.8) de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]”, nessa perspectiva, o objetivo da contação de histórias é contribuir para que o aluno seja coresponsável pela aprendizagem partindo do que ele já viu, sentiu, observou no seu dia a dia, aproximando esses fatos da cultura letrada.
Cavalcanti concorda com esse pensamento ao dizer que: “[...] as narrativas das histórias de mundo fazem sentido apenas no momento em que se entrelaçam na história de vida do próprio sujeito” (CAVALCANTI, 2002, p. 67).
A leitura pelo professor é parte de uma estratégia

que tem por objetivos promover a compreensão, por parte dos alunos, das funções sociais da escrita, ampliar seu repertório linguístico, familiarizar-se com diferentes textos e autores, levá-los a assumir um comportamento leitor e reconhecer a escrita como forma da representação da realidade. (TOLEDO, 2011, p.46).

RODAS DE LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINE, 2005, p.118).
A criança é um ser em desenvolvimento. Interage com o mundo de uma maneira muito peculiar, misturando fantasia à realidade e com um raciocínio ainda muito ligado ao concreto. Cada criança tem sua história, traz marcas sociais e culturais e de acordo com sua vivência reconstrói e ressignifica constantemente seus conceitos. A infância é a fase do descobrimento, do faz de conta, da curiosidade. A educação infantil precisa ser um espaço permeado de ludicidade, aprendizagem exploratória, estimuladora e criativa para atender as necessidades de seu público.
Uma das práticas pedagógicas essenciais neste período é a contação de histórias que contempla o desenvolvimento das aptidões emocionais, cognitivas e sociais do aprendiz. Dohne (2000, p. 12) destaca que as histórias têm um valor educacional imensuráveis sendo excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar visto que, além das crianças gostarem muito de ouvi-las, existe uma imensa variedade de temas e exige poucos recursos materiais para sua aplicação.
Este momento lúdico de satisfação que a roda de leitura proporciona é o primeiro incentivo para criar intimidade das crianças com o livro.
De acordo com Kaercher (2001): (...) somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias (…) isso equivale a dizer que tornar um livro parte integrante do dia a dia de nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de formação de leitores. (KAERCHER, 2001).
[...] é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17).
Segundo a Revista Educação Infantil Étnico Racial (2012, p. 23), quanto à seleção de matérias de leitura devemos ter o cuidado de escolher livros que apresentam critérios como: se há pessoas negras que ocupam diversas posições sociais e profissionais como médicos, professores, empresários, etc., se as crianças negras se encontram em posição de destaque de modo positivo, se a imagem de pessoas negras é apresentada de modo positivo e não pejorativamente e se a população negra é apresentada como protagonista de importantes fatos históricos e não apenas como escrava.
Assim também em relação aos povos indígenas as histórias devem ser condizentes com a realidade e com os aspectos culturais desses grupos apresentando-os de forma a valorizá-los.
Ao ouvirem histórias, os alunos dialogando com este pensamento, Riter (2009, p. 31) cita Mario Vargas Llosa ao defender que, “para formar cidadãos críticos e independentes, difíceis de manipular, em permanente mobilização espiritual e com imaginação sempre inquieta, nada melhor que boas leituras.”

O ABC DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Como contar histórias? Existem estratégias ou técnicas que potencializam o alcance dos objetivos quanto à contação de história para a formação do leitor? A especialista em contação de histórias, Vania Dohme em seu livro “técnicas de contar histórias” (2000) nos auxilia com a discussão de algumas técnicas que foram semeadas ao longo dos anos, para ela uma boa contação de histórias deve se tirar maior proveito da voz, usar corretamente a dicção, o volume, a velocidade, a tonalidade e o vocabulário. Aspectos importantes são destacados pela autora no uso da voz, como a dicção.
Ao contar uma história temos que tomar o cuidado de pronunciar de forma clara cada uma das sílabas que compõem a palavra, sentindo cada um dos seus sons. Outra atenção que se deve ter é dar espaço, entre uma palavra e outra, procurando não emendar as palavras de uma mesma frase. Em relação ao volume, cada ambiente exigirá um tom de voz adequado e isso precisa ser avaliado, falar muito baixo ou alto demais é um fator altamente prejudicial na compreensão da história. Temos que adaptar o tom de nossa voz de acordo com o ambiente em que estamos e nos policiar para manter esse mesmo volume do início ao fim da história.
Para Dohme (2000) também tem que ser pensada a velocidade em que irá contar a narrativa pois, cada narrador tem uma velocidade na fala, isso é uma característica individual, mas um cuidado que se deve ter é não permitir que essa velocidade influencie na compreensão do texto.

Variar velocidade da voz pode auxiliar na interpretação do texto, falar mais rápido pode passar mais emoção, um sentimento de urgência, e falar mais devagar é adequado quando se deseja passar um sentimento de paz, harmonia, serenidade.
Combinando-se as diversas variações de velocidade e volume, pode-se conseguir efeitos interessantes, modular a voz entre o baixo (limitado a um volume que todas as pessoas possam entender) e o alto (sem exageros, é claro) e variar a velocidade dá o colorido à narrativa e tira a monotonia (que é um dos principais fatores de desinteresse nos ouvintes). Outro aspecto relacionado ao uso da voz na contação de história é a tonalidade, ou seja, a adoção de certos estereótipos ajuda na compreensão do texto, por exemplo: meninas têm fala aguda, falam "fininho", homens corajosos e ursos sempre falam grosso ou grave, velhinhos falam levemente agudo e tremido, fadas adocicado e bruxas têm voz aguda e estridente, os diversos personagens dentro de uma narrativa podem ter características vocais próprias, o que será muito atraente, mas necessita de atenção do narrador para manter a característica de cada personagem.
Dohme (2000) orienta, também tem que ser observado, visto que muitas vezes a comunicação não se dá por completo, simplesmente porque o ouvinte não conhece o sentido da palavra que está sendo usada, principalmente quando estamos falando de crianças. A não compreensão de uma palavra prejudicara o entendimento de toda frase e a incompreensão de uma frase pode levar a uma sucessão de incompreensões que acaba levando ao desinteresse e à desistência em acompanhar a narrativa.
Enfim, é por essas e outras razões que a voz é o instrumento principal do narrador, saber usá-la é primordial para prender a atenção dos pequenos. Outra contribuição relacionada à contação de histórias, de grande importância, é a seleção do repertório. Ao preparar a seleção de narrativas para o público da educação infantil é importante conhecer os interesses e o estágio emocional que predominam nesta faixa etária.
Coelho (1999, p.15)destaca,"a história é um alimento à imaginação e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral", o autor Gregórin complementa essa idéia: [...] é necessário a adequação temática ao nível de amadurecimento da criança, pois os diferentes temas devem ser propostos para a leitura e discussão desde que a criança possua o amadurecimento psicológico necessário para que a conversa seja proveitosa e efetivamente aprendida (GREGÓRIN, 2009, p.71).
Seguindo as dicas de Riter: [...] é interessante também iniciar a leitura com algumas formas clássicas, já bem conhecidas do público, tipo "Era uma vez" ou "Há muitos e muitos anos atrás", assim como para encerrá-la: "E entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra", tais expressões instituem um momento próprio, particular, singular como se alertasse o público, avisando-o:
Atenção, agora será narrada uma história (RITER, 2009, p.88). Outro aspecto a ser considerado é a duração da história, Barcello (1995, p. 49), observa que é "necessário se atentar para que a narrativa não fique tão curta que deixe, nos ouvintes, uma sensação de falta, nem tão longa que as crianças percam o interesse no seu decorrer". A autora estima que a história propriamente dita não deve ultrapassar quinze a vinte minutos, sendo que considerando a preparação, a narração e os comentários finais, poderá se estender de trinta a quarenta minutos. O narrador deve também ter o cuidado de preparar o ambiente, Coelho (2010, p. 44) orienta que "[...] a melhor arrumação consiste em sentá-los em semicírculo, onde todas possam ver o narrador e o material a ser apresentado sem forçar o pescoço."
Riter reflete: [...] todavia a contação de histórias exige uma preparação quando realizada na escola. Não se pode pegar um livro ao acaso […]. O livro escolhido deve ser amado pelo contador, pois só assim haverá sintonia entre ambos e o resultado será o melhor possível para aquele momento, atraindo a atenção da platéia (RITER, 2009, p.88).
Fonseca (2004, p. 57) elucida que o "[...] resgate da expressividade, da espontaneidade, da sensibilidade, permeia todo o processo de formação do contador de histórias". O sujeito que deseja ser o condutor da viagem imaginária que as narrativas trazem, deve deixar fl uir as emoções pelas vias corporais, submergir nos livros e na pesquisa de histórias inéditas e utilizar-se de recursos visuais para despertar para a beleza da palavra, para a cumplicidade do olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, do estudo aqui apresentado a contação de história é um recurso no qual enfatizamos que a fantasia, a imaginação têm importância fundamental no desenvolvimento da criança e que compreender a infância, é defender que cada criança é única e que possui formas de pensar e agir diferentes dos adultos. Ouvir e contar histórias é uma atividade que, dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudá-la a se organizar e socializar, além de auxiliá-la no processo de alfabetização.
A contação de histórias é considerada, atualmente, uma estratégia adequada para iniciar as crianças no gosto pela leitura, sendo uma atividade generalizada nos espaços educativos.
Diante dos dados levantados podemos concluir que as narrativas de histórias na educação infantil constituem-se em uma prática indispensável por potencializar o processo de ensino aprendizagem de forma prazerosa e ampliar a visão de mundo do educando.
A importância da utilização da contação de história como instrumento de incentivo à leitura na educação infantil, partindo da concepção de que a história, quando bem contada, funciona como uma mola propulsora para a estimulação de alunos leitores.